



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Negritude: as formas de reconhecimento e representatividade da juventude de Caririaçu/CE

Beatriz Gonçalves de Lira¹
Amanda Raquel Rodrigues Pessoa²

RESUMO

O presente artigo está pautado na discussão no processo de autodeclaração racial e a formas de reconhecimento e representatividade dos jovens do ensino médio no que diz respeito a cor da pele. Tem como objetivo central identificar a forma de reconhecimento dos jovens quanto ao ser negro, além de verificar a concepção dos jovens sobre as formas de reconhecimento do corpo negro dentro e fora da escola. A metodologia configura-se como pesquisa de natureza qualitativa, de campo, de cunho descritivo. A população do estudo foi composta pelos alunos do ensino médio de uma escola estadual de tempo integral, localizada na cidade de Caririaçu, região metropolitana do Cariri cearense. A amostra foi composta por aqueles jovens estudantes que se autodeclararam negros totalizando oito alunos. Para a primeira fase da coleta de dados fez-se uso do questionário fechado sobre a identificação racial dos jovens, já para a segunda fase utilizou-se de uma entrevista semiestruturada com quem se autodeclarou preto sobre a concepção do corpo negro e as representações do negro na escola e na sociedade. Os resultados mostram que os jovens mesmo autodeclarados pretos sentiram dificuldades em se reconhecer enquanto negro, ainda expressam que em algum momento da vida negaram sua identidade negra.

Palavras-chave: Juventude; identidade negra; representatividade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem seu eixo central de discussão identidade negra e a formas de reconhecimento dos jovens no que diz respeito a cor da pele. Trata-se de um recorte analítico de uma pesquisa maior que compôs a monografia *Identidade negra e juventude: um olhar sobre o corpo negro na escola*³. O conceito de identidade, em verdade, abrange várias interpretações com posturas bem distintas, portanto, não se deseja aqui uma hierarquia da identidade negra – foco do estudo- em relação às demais, mas optou-se por esse marcador identitário pelo contexto

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Educação - MPEDU/URCA. Graduada em Licenciatura em Educação Física – IFCE/Campus Juazeiro do Norte. <http://lattes.cnpq.br/9711147365986609>. Email: beatriizlira@hotmail.com

² Docente do Curso Licenciatura em Educação Física - IFCE/Campus Juazeiro do Norte. <http://lattes.cnpq.br/2162311737846261>. Email: amandampb@hotmail.com

³ Disponível na biblioteca do IFCE/Campus Juazeiro do Norte



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

histórico em que nosso país se desenvolveu, retirando os direitos da população negra trazida do continente africano e transformando-os em mercadoria, em mão de obra escrava.

No ensejo de discutir identidade negra na sua relação com a corporeidade que o compõe. Logo, surge como inquietação para este trabalho, a relações corporais na escola que são vividas pelo jovem negro, de modo mais enfático a identidade negra e a percepção dos jovens sobre corpo negro inserido no ambiente escolar sendo este o foco temático de problematização. Nesse contexto, pretende-se responder ao seguinte questionamento: Quais as representações e concepções sobre o corpo negro, construídas dentro e fora do ambiente escolar pela juventude?

A presente pesquisa justifica-se, portanto, na fomentação dos debates acerca do tema em uma escola estadual de tempo integral⁴, já que há um período de disciplinas eletivas⁵ voltadas a temas específicos, o que torna oportuna a integração da temática. Embora a Lei nº10.639/03 estabeleça que deva incluir no currículo oficial da rede de ensino público a temática "História e cultura Afro-brasileira", ainda há muita ineficácia na aplicação do citado dispositivo legal, o que acaba negligenciando o conhecimento desse aspecto tão importante para a formação cidadã. Partindo desse pressuposto, pode-se observar nesse estudo como a referida escola atribui valores identitários aos seus alunos, e como se dá todo o processo de reconhecimento por parte deles, assim contribuindo para melhoria da sociedade, para compreensão do mundo em que se vive e/ou ainda para desenvolvimento e emancipação do jovem negro na atualidade.

Diante das questões expostas tem-se como objetivo para este estudo identificar a forma de reconhecimento dos jovens quanto ao ser negro, além de verificar a concepção dos jovens sobre as formas de reconhecimento do corpo negro dentro e fora da escola.

METODOLOGIA

A metodologia configura a pesquisa de natureza qualitativa, de campo, de cunho descritivo. A população do estudo foi composta pelos alunos do ensino médio de uma escola estadual em tempo integral, localizada na cidade de Caririçu, região metropolitana do Cariri

⁴ O termo Educação em Tempo Integral ou Escola de Tempo Integral diz respeito àquelas escolas e secretarias de educação que ampliaram a jornada escolar de seus estudantes, trazendo ou não novas disciplinas para o currículo escolar. A maioria das unidades de ensino que adota esse modelo geralmente implementam a extensão do tempo em turno e contraturno escolar – durante metade de um dia letivo, os estudantes estudam as disciplinas do currículo básico, como português e matemática, e o outro período é utilizado para aulas ligadas outras temáticas, como artes e esporte.

⁵O aluno deve escolher duas disciplinas eletivas por semestre de acordo com seu interesse pela temática abordada em cada uma delas.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

Cearnense. Dos alunos matriculados no ano letivo de 2018, participaram 65 dos 124 estudantes do 1º ano em regime de tempo integral. A amostra foi composta por aqueles jovens estudantes que se autodeclararam negros totalizando oito alunos. Para a primeira fase da coleta de dados fez-se uso do questionário fechado sobre a identificação racial dos jovens, já para a segunda fase utilizou-se de uma entrevista semiestruturada com quem se reconhece negro sobre a concepção do corpo negro e as representações do negro na escola e na sociedade. A análise de dados foi realizada com base em Bardin (1977).

REFERENCIAL TEÓRICO

O corpo humano funciona a partir da atuação conjunta de diversos sistemas, tal corpo é nossa localização no mundo, ao mesmo tempo ele é fisiológico, ele também é simbólico, ao trazer consigo comportamentos culturais, os quais com um conjunto de fatores vai definindo o ser.

O corpo que passa uma leitura de mundo, que transparece padrões estéticos e culturais. O corpo colorido, diverso, pode ser sentido, vivido e explorado de maneira satisfatória. Porém esse corpo, por vezes, poético, pode ser coisificado, tratado de forma desrespeitosa, escravizado. Assim aconteceu com o corpo negro, que como qualquer outro corpo era livre, então foi capturado e aprisionado em uma história que não é bonita de se contar, a escravidão.

“Se o corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, a relação histórica do escravo com o corpo expressa muito mais do que a ideia de submissão, insistentemente pregada pela sociedade da época e que ecoa até hoje em nossos ouvidos.” (GOMES, 2002, p.42)

Ser negro no Brasil não tem sido uma tarefa fácil, desde os primórdios da sociedade brasileira com seus direitos negligenciados, desde então a luta para ser visto e reconhecido é grande. Conforme Dantas (2012) [...] o que a população brasileira viu nas primeiras décadas republicanas foi a consolidação de projetos sociais e políticas excludentes e a ideia de raça se fortalecer como critério de classificação social e justificativa para desigualdade. Durante esse período, negros e mestiços – quanto mais escura fosse sua cor, maiores poderiam ser as barreiras raciais – foram alvo de discriminação racial, embora estivesse determinado na constituição em vigor que todos os cidadãos negros eram iguais perante a lei. Mesmo assim, os negros brasileiros muitas vezes não podiam frequentar bares, hotéis, clubes e salões de baile. Também enfrentaram restrições no acesso a instituições educacionais públicas e privadas, entraves para assumir cargos políticos ou vagas conquistadas em concursos públicos, além de intimidação e



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

violência policial, estando expostos a formas de tratamento racialmente desiguais, como se a escravidão ainda existisse.

Não obstante, a população negra brasileira ainda sofre com os mesmos entraves, por vezes de maneira velada, porém não deixa de angustiosamente acontecer. Por isso, ainda ocorre a difícil tarefa da pessoa negra de se reconhecer, o que levou por muitos anos a um não aparecimento significativo da população negra nas estatísticas.

A população negra outrora parecia não existir sendo que bastava sair na rua e perceber que há muitos habitantes negros, por conta das barreiras do preconceito racial existente aqui não parecia vantajoso se declarar negro. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua 2022, 42,8% dos brasileiros se declararam como brancos, 45,3% como pardos e 10,6% como pretos. Dessa forma, podemos inferir que esse crescimento está relacionado com a visibilidade que tem sido dada à temática racial nos últimos anos possibilitando as pessoas que reformulem questões relacionadas às suas identidades. Por outro lado, outros dados estatísticos não nos trazem boas novas.

Segundo Menezes (2003) um alto percentual da população negra e parda encontra-se abaixo da linha da pobreza, levando à necessidade de ingresso no mercado de trabalho de modo precoce para complementar a renda familiar, ou ainda, a representação da escola, para muitas crianças, como um referencial de fracasso, já que "não conseguem aprender, embora isso não seja impedimento meramente cognitivo, mas uma possível dificuldade de inserção das crianças negras no espaço escolar, por se sentirem "excluídas" nele; uma exclusão simbólica, já que a criança tem acesso à matrícula e à sala de aula, mas não é aceita no contexto mais amplo. Ainda o mesmo autor ressalva que a exclusão simbólica, manifestada muitas vezes pelo discurso do outro, parece tomar forma a partir da observação do cotidiano escolar. Este poderá ser uma via de disseminação do preconceito por meio da linguagem, na qual estão contidos termos pejorativos que, em geral, desvalorizam a imagem do negro.

Diante do crescimento da população negra em dados oficiais evidenciando sua maioria no território nacional, outros indicadores sociais apontam que esta população ainda vive em constante desigualdade no nosso país. De acordo com Oliveira (2013) a pouca discussão sobre a história e cultura africana, impede um entendimento da história e da cultura brasileira a partir da visão dos afrodescendentes, pois sem este conhecimento ela se torna uma história unilateral, branca, determinada por concepções eurocêntricas. Assim torna-se indispensável um mergulho na história e na cultura africana, pois a sociedade brasileira é produto da participação de africanos e afro-descendentes em associação com povos de outras origens, tornando assim a



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

história do Brasil mais exata, pois apontará traços de nossa cultura que estavam sendo relegados ao esquecimento.

Considerando esse processo de afirmação da identidade negra na sociedade brasileira, a questão racial outrora “esquecida” deve ser trabalhada na escola, atualmente é assegurada pela legislação depois de muitas lutas e conquistas do movimento negro. Uma conquista muito importante tem suporte na aprovação da Lei 10.639/2003 que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e particular do sistema educacional brasileiro. Dessa forma, fica estabelecido no Art.26ª da lei nº 9.394 de dezembro de 1996 a seguinte redação: “[...] nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (BRASIL/1996).

Embora em muitos estabelecimentos de ensino ela seja negligenciada é por meio dela que se tem a garantia do acesso a história afro-brasileira, fator principal para construção da positiva da identidade negra, pois a negação de conteúdos relacionados ao negro na escola poderá contribuir para a acentuação da exclusão social em outros espaços sociais.

Conclui-se que todos os aspectos apresentados até aqui são relevantes para compreensão do que será discutido no trabalho, pois os sujeitos mediante o contato social vão construindo suas múltiplas identidades, e dependendo do teor dos problemas sociais vão influenciando as suas escolhas, bem como na sua percepção no mundo.

RECONHECIMENTO DOS JOVENS QUANTO AO SER NEGRO

Os aspectos a serem discutidos nesse artigo estão relacionados a esse processo de reconhecimento enquanto ser negro, considerando que os jovens que se identificaram como negros foram convidados a participar das entrevistas. Entre os questionamentos feitos foram: se os jovens sentiram dificuldades em se identificar com a cor negra no momento da aplicação do questionário (1º etapa da pesquisa, fase anterior à entrevista). Também foram questionados sobre a negação de sua identidade e suas motivações e o reconhecimento de alguma produção artística ou artista afrobrasileiro nesse processo de identificação e a valorização da cultura negra.

Sobre as dificuldades sentidas em se identificar com a cor negra durante a aplicação do questionário observa-se que a maioria, não detectou ter passado por situações cotidianas e por resistências que precisaram ser trabalhadas anteriormente. Em menor número os jovens, apesar de marcarem a opção de ser negro, ainda veem essa questão com dificuldades por



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

acharem difícil definir sua condição de negro. Vejamos estes esclarecimentos na tabela 01 a seguir:

Tabela 01: Identificação da cor no questionário

Dificuldades de reconhecer a cor na aplicação do questionário	Justificativa	Nº
Sim	Difícil definir a si; Difícil saber se sou negro;	02
Não	Aceita depois de algumas dificuldades; Aceita porque a aparência e situações cotidianas indicam;	06

Fonte: Entrevista realizada pela autora

Apesar que, em sua maioria, os alunos alegarem não sentir dificuldades em se reconhecer sua cor no questionário, fato este pode ter sido dado, provavelmente, acompanhado por um processo até ter convicção de sua identidade negra, entretanto podemos ver que nos relatos expostos demonstram contradições, nesse aspecto, pois nota-se há dificuldade dos alunos em se denominar negro, podemos analisar nas respostas apresentadas abaixo:

J04 – Achei, ah eu não consigo assim você próprio se definir.

J06 – Sim eu achei difícil, porque eu não sei se realmente sou, se posso me considerar negra, porque minha pele é clara, um pouco ai eu acho que negro é mais... tipo mais escuro. (Pergunta adicional: Mas só a cor ou acha que outras características definem?) Acho que outras características também (As outras você tem?) Acho que sim.

J07 - não, eu acho que porque eu já me aceitei como negra, antes eu tinha, tipo, dificuldade pra aceitar isso, mas agora não.

J08- Não, porque tanto pela aparência e tanto por algumas situações que a gente já se passou dá para indicar.

A entrevistada J07 destaca que teve dificuldade, mas atualmente não considera mais difícil, já a J06 expressou que ainda tem dificuldade, mesmo autodeclarada negra, ela confessa que tem dúvidas em relação a sua tonalidade de sua pele. Inquietações como essa podem acontecer por conta das diversas opiniões expressa na sociedade que acabam influenciando o jovem na sua percepção, bem como apresentando grande variação de cores existentes e ao processo de negação da cor negra. Conforme Coelho (2007, p. 40):

A cor no Brasil é como aquele sujeito que está só de corpo presente – ele está ali, mas ninguém vê, ninguém nota, ninguém se interessa. Todos sabem que está, mas não há manifestação, reconhecimento, valorização ou coisa que o valha que indique que aquele sujeito está vivo, é importante, é querido.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A complexidade que os alunos tiveram em reconhecer sua cor, não é incomum no Brasil, ela está atrelada a uma estrutura racista que tende a apresentar o negro como algo ruim, sem muito valor, está associada também invisibilidade intelectualidade do negro, quando não se discute essa questão racial de maneira positiva, não tem como despertar o interesse da população em se descobrir negro.

Em uma produção cinematográfica recente, o filme Medida Provisória (2020)⁶, interpretado pelo ator e cantor Seu Jorge, o personagem André satiriza o fato a pessoa ser lida socialmente como negro e ainda duvidarem de sua negritude, “Presta atenção neguinho, pareceu preto, é preto pô”. Podemos inferir que essas dúvidas sempre irão pairar sobre a negritude, em contrapartida os brancos são vistos como o ser universal, logo a branquitude nem se quer é questionada, muito menos param para pensar em seus privilégios na sociedade.

Os alunos foram questionados sobre algum momento terem negado a sua identidade negra durante a sua vida. Diante das respostas obtidas observa-se que cinco afirmam não terem negado sua cor e três que já passaram por momentos de negação, como mostra a tabela 02:

Tabela 02: A negação da identidade negra e suas motivações

A negação da identidade negra em algum momento da sua trajetória	Motivos	Nº
Sim	Por ter ocorrido rejeição familiar; Pôr as características físicas não serem aceitas; Por ter mais contato com pessoas brancas;	03
Não	Por achar feio a negação; Por esse reconhecimento está no processo educacional;	05

Fonte: Entrevista realizada pela autora

Os motivos que justificam as atitudes de não negar a sua condição de negro apontam para aspectos que podem ser mais bem visualizados nas respostas que se seguem:

J06 – Não, por que não, eu acho interessante, é, eu acho que seria, sei lá, feio da minha parte achar, desconsiderar, sei lá.

⁶ Medida Provisória, filme dirigido pelo ator Lázaro Ramos, retrata um futuro distópico, onde o governo do Brasil decreta uma medida que obriga cidadãos negros a migrarem para a África na intenção de retornar às suas origens. Baseado na obra teatral “Namibia, Não!” de Aldri Anunciação, encenada em 2011.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

J08- Não, acho que até porque a questão de já vir da educação desde primário, tipo assim você eu consigo me assumir do jeito que eu sou.

Como pode ser percebido na fala de J06 a negação é um processo social que tende a desvalorizar a condição de negro no Brasil. Schucman et all (2017) ressalta que a dinâmica da negação é apenas uma das diversas formas com que os sujeitos lidam com as tensões raciais de nossa sociedade, não sendo possível generalizar. Contudo, sua formulação é importante para a compreensão de um dos efeitos psicossociais do racismo brasileiro.

No entanto, esse aspecto não é algo fácil de resolver, por envolver o processo educativo ao qual o jovem está inserido. J08 destaca que teve um reconhecimento através do processo educacional desde do primário, o que alega ter contribuído para a sua autodeclaração, sendo, portanto, necessário valorizar as formas de disseminação que tendem a discutir e enaltecer a cultura negra, já que a educação para as relações étnicos raciais é de grande importância no processo de aceitação e reconhecimento da identidade negra, uma vez estudando sobre a cultura negra desde a infância mais chances tem de desconstruir estereótipos e o combater o racismo presente na sociedade.

Em despeito aos alunos que assumiram ter em algum momento negado a sua identidade, as motivações justificadas estão relacionadas ao processo de discriminação, por possuir traços negroides. Os alunos destacaram:

J01- Quando era criança sim, porque eu sou de uma família na qual meu avô ele é branco dos olhos azuis e ele é racista e ele nunca aceitou a parte de ser morena, porque eu puxei a parte do meu pai a família do meu pai são morenos e já a família da minha mãe são brancos aí meu avô ele nunca aceitou a minha cor e isso me magoou bastante não e à toa que eu já fiz progressiva no meu cabelo, e aí depois do ano passado foi que eu decidi que não ia mais, e aí eu passei por um processo para voltar os cachos.

J03- Já, assim na parte do cabelo, tipo quando eu era menor eu sofria muito preconceito com esse negócio de cabelo, porque meu cabelo era mais cacheado ainda, era muito crespo, aí as crianças costumavam implicar com isso “ó o cabelo num sei quê” aí eu passei até alisante uma vez (risos), fiquei passando, passei em torno de 2 vezes e usava ele... Chegou um determinado tempo que minha irmã disse “vamos testar teu cabelo solto?” aí eu disse “vamos”, aí deixei e gostei, e nunca mais pranchei, e até hoje tenho trauma de prancha (risos) Se você chegar e disser assim “vamos pranchar teu cabelo?!” eu digo “não, num tem quem faça”. (Então acha que sua identidade vai partir do cabelo). Do cabelo e da cor, porque a descendência da parte do meu pai são todos negros, não tem nenhum de pele clara, só da parte da minha mãe.

J07- Eu acho que na infância, eu acho que mais porque eu via muita gente branca, então, acho que eu queria muito, tipo assim, não queria, mas agora eu já me aceito. Não tive nenhuma influência na escolha.

Percebe-se nas respostas o pesar do racismo manifestado muitas vezes por familiares, o que acaba maltratando mais, como relata a J01, por outro lado, no caso da J03 a mãe foi uma



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

incentivadora no processo de aceitação. O cabelo surge aparentemente como o alvo preferido de discriminação no caso das meninas, por causa dessas situações vão transformando seus fios até quando não suportam mais a carga de ter que negar sua identidade para satisfazer os olhos racistas. “O cabelo Afro é parte essencial do perfil estético da identidade negra, sendo um forte indício de procedência étnica e cultural. A forma como cada um trata o seu é muito particular, e dependendo de saber ou não lidar com ele determina sua aceitação” (BLUM, EMILIANO, CÁSSIA, 2017, p.2). Assim como destacam o cabelo afro como parte da identidade negra, quando ele é alvo de ridicularização torna-se doloroso.

A família, enquanto instituição de formação, conforme exposto nas falas acima, carrega em si uma responsabilidade de tratamento com a afirmação do negro e de suas características, sendo que o impacto exercido na autoestima dos jovens tem grandes proporções, quando a negação ou discriminação resulta do seio familiar. Brito (2013, p. 80) destaca que:

Na família, como em qualquer outro grupo social, grande ou pequeno, desenvolvem-se padrões, e cada indivíduo passa a ter uma relação diferente com os outros, conforme posições hierárquicas, tais como raça, grupo social, nacionalidade e afiliação étnica. Isto significa que a criança incorpora determinadas normas e valores e acaba por se identificar com um grupo particular, diversificado em relação a outros, mas aprende a se relacionar com outros.

Logo, a socialização primária exercida pela família pode ser um poderoso instrumento na identificação dos grupos sociais e quando esse primeiro momento ocorre com traumas para o jovem, a tendência é que haja um comprometimento das relações cotidianas.

O rapper Emicida nos alerta sobre o nosso papel social em proporcionar vivências positivas ainda na infância, em um vídeo chamado “Por que o Emicida fez um livro infantil?” postado em seu canal no Youtube, ele fala uma das suas motivações para sua obra Infantil

“Se a gente acredita no que está falando a gente precisa chegar mais cedo na vida das pessoas! Precisa encontrar meios pra chegar na vida das pessoas, a gente não pode mais aceitar que nosso discurso seja compreensível a partir da adolescência pra frente, tá ligado? Eu não acho que o jovem perdeu a gana de lutar, mas eu acho que a gente perdeu 10 anos, e esses 10 anos muita coisa acontece. Quando a gente começa a conversar com o jovem quando ele tem 15 anos de idade os traumas chegam antes da gente, os traumas vão ser mais marcantes que o nosso discurso, várias vezes, e aí, a gente vai ter que trabalhar dobrado, triplicado, para destruir essa traumatização”.

Cabe aqui uma reflexão sobre essa fala do Emicida associando com os depoimentos dos jovens que participam dessa pesquisa percebemos que quando esse jovem chega ao ensino médio ele já foi alvo de muito racismo durante sua vida seja no ambiente escolar ou familiar,



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) & SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

portanto ele já se encontrar traumatizado, sem muita alternativa aos olhos deles, pretendendo apenas amenizar sua dor de tal maneira que atinge suas formas de reconhecimento identitário, se ele sofre ataques racistas constante e quando não tem nenhum processo educativo que o envolva em uma valorização da cultura negra ele depreende que ser negro é algo negativo, logo não é vantajoso se reconhecer como tal.

Quando instigados a identificar e destacar alguma produção ou artista afro-brasileiros muitos sentiram dificuldades em responder, e os demais destacam o cenário musical como uma forte fonte de artistas afro-brasileiros. A tabela 3 se refere ao reconhecimento de alguma produção artística ou artista afro-brasileiro, em que se percebe que a maioria não se identifica com artistas negros com cinco respostas e apenas três destacaram personalidades:

Tabela 03: Reconhecimento de alguma produção artística ou artista afrobrasileiro

Identificar algum artista ou produção artística afrobrasileira	Justificativa	Nº
Sim	Destacam os artistas Projota, Edson Gomes, Lázaro Ramos, Emicida por serem negros e quem falam sobre a situação do negro na sociedade.	03
Não	Por ser complicado por contas das críticas, desvalorização, preconceito.	05

Fonte: Entrevista realizada pela autora

Os entrevistados elencam Emicida e Edson Gomes, dois cantores brasileiros, que conseqüentemente representam seus gêneros musicais, os quais são rap e reggae, respectivamente. Edson Gomes é um cantor baiano, negro, compositor de reggae brasileiro, amplamente considerado como o maior nome da história da música reggae no país. Suas músicas falam sobre desigualdade social, violência, pobreza, mazelas, corrupção e do cotidiano brasileiro. Ambos os artistas em suas letras falam sobre a situação do negro no Brasil trazendo à tona a temática da negritude contribuindo para reflexões sobre o racismo.

Vale ressaltar que Emicida tem grande contribuição na cultura afro-brasileira abordando temas sociais na música, em suas composições de rapper, na literatura infanto-juvenil, na televisão em programas de debates, em documentário.

"Tem um velho ditado iorubá que diz: 'Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje'. Esse ditado é a melhor forma de resumir o que eu tento fazer. Eu não sinto que eu vim, eu sinto que eu voltei. E que, de alguma forma, meus sonhos e minhas lutas



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

começaram muito tempo antes da minha chegada." Assim o rapper Emicida, como é mais conhecido o paulistano Leandro Roque de Oliveira, abre o documentário AmarElo⁷.

J02- Acho que Emicida, acho que tipo assim por conta das músicas dele do que ele fala ele fala sobre os negros, fala sobre como está o Brasil, como as pessoas veem os negros, sobre o preconceito.

J08-Edson Gomes que tem também outras eu não estou lembrado não, porque a maioria de hoje em dia são poucos que são negros, assim alguns são negros.

Segundo Santos (2008) jovens afro-brasileiros das periferias dos grandes centros urbanos passaram a cantar/relatar, por meio de uma música reflexiva e extremamente crítica, as violências racial e social a que estão submetidos os moradores das periferias dos grandes centros urbanos brasileiros, traduzindo-as em versos por meio de uma poesia extraordinariamente contundentes, o rap.

Isso acontece com o trabalho do rapper citado pelos participantes, entretanto não podemos deixar que mencioner a dificuldade sentida por eles ao puxar na memória artistas negros, quando diz “porque a maioria de hoje em dia são poucos que são negros, assim alguns são negros”, na realidade não é que temos poucos artistas negros, é que muitos deles não tem a visibilidade midiática que merecem, e mesmo aqueles que conseguem acender na mídia provavelmente não foi lido como negro e sim como moreno, que é a forma como a maioria dos jovens participantes compreende a identidade racial negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o estudo mostrou quais são as características físicas que os participantes levam em consideração para compor sua identidade racial, bem como mostra jovens mesmo autodeclarados pretos sentiram dificuldades em se reconhecer enquanto negro, revelando também que em algum momento da vida negaram sua identidade negra, tal negação da identidade negra advém de um processo social que tende a desvalorizar a cultura negra. No que se refere as produções artísticas afrobrasileiras acabaram ficando restritas apenas a musicalidade ignorando outras formas da população negra expressar sua arte.

Uma sugestão de trabalhos futuros seria um estudo longitudinal, reaplicar a entrevista com os participantes que concluíram o ensino médio afim de verificar se houve mudanças significativas no seu processo educacional, especificamente para avaliar se foi pautado na educação para relações étnico raciais.

⁷ O documentário mescla animações, entrevistas e cenas dos bastidores do álbum AmarElo, do rapper Emicida lançado em 2019. Ao mesmo tempo, conta história da cultura negra brasileira nos últimos 100 anos.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1977

BLUM, Isis Gabrielly Slompo EMILIANO, Silvani; CÁSSIA, Danielle de. **Cabelo Afro e a Estética: A Valorização dos Traços Étnicos**. Disponível em <http://tconline.utp.br/media/tcc/2017/03/CABELO-AFRO..pdf>. Acesso em 04 de fevereiro 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino e Obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília, DF, 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 29 agosto 2018.

BRITO, Ângela Ernestina Cardoso de. Lares negros olhares negros: identidade e socialização em famílias negras e inter-raciais. **In: Serv. Soc. Rev.** Londrina, v. 15, n.2, p. 74-102, jan./jun. 2013.

COELHO, Wilma Nazaré Baía. **Só de corpo presente: o silêncio tácito sobre cor e relações raciais na formação de professoras no estado do Pará**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007

DANTAS, Carolina Viana; MATTOS, Hebe; ABREU (org). **O negro no Brasil: Trajetórias e lutas em dez aulas de história**. 1º ed – Rio de Janeiro: Objetiva. 2012

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez 2002 Nº 21

IBGE Educa. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html/>

MENEZES, Waléria. O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola. **Cadernos de Estudos Sociais** – Recife, vol 19, nº1, p.95 – 106, Jan/Jun 2003

OLIVEIRA, I. M. A. D. (2013). **A questão racial na escola**. Portal Dia a dia Educação, sd Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-8.pdf>. Acesso em 29 de agosto de 2018.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Os rappers e o ‘rap consciência’**: novos agentes e instrumentos na luta anti-racismo no Brasil na década de 1990. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, Jul/Dez 2008. P. 169 a 182.

SCHUCMAN, L. V.; MANDELBAUM, B.P. H.; Fachim, F. L. Minha mãe pintou meu pai de branco: afetos e a negação da raça em famílias interracialis. Revista de Ciências HUMANAS, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 439-455, jul-dez 2017